

do mundo sabe que sabe. E de
 mundo sabe que sabe. E de
 mundo sabe que sabe. E de

Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul

outro lado da moeda jogou
 pesado. Para refrescar a me-
 mória, basta dar uma olhada em *O*
Portal do Paraíso (Heaven's Gate),
 de Michael Cimino, um filme injus-
 tamente esquecido. Compreende-
 se. Não é nada bom lembrar de
 tas coisas, o melhor é fingir que
 não aconteceram. O problema é
 que este encurtar da memória é,
 mais ou menos, como o sono da
 razão, que produz monstros. E de
 sono em sono seguimos enforcan-
 do as supostas bruxas, as que aan-
 gam além do limite imposto pelo

até com certa liberdade aqui e ali,
 tismos religiosos. A vida foi nova,
 a sorte de preconceitos e de fana-
 e vida nova, mas, também, de toda
 carregados de sonhos de liberdade
 logo após o descobrimento, vieram
 navios que aportaram na América,
 de Salem, da época, eram. Os
 não? Para os padrões da sociedade
 Algumas, nuas. Ameaçadoras,
 dançar na noite da floresta,
 rões e chamando demônios para
 ram cozinhando sapos em calde-
 rações, das cartas de amor e anda-
 Foram além dos flocos, das decla-
 pouco ortodoxos para chegar lá.
 Pelo que se conta, usaram métodos

ria era arranjá-lo um namorado.
 undial e, no fundo, tudo que que-
 Salem jamais ameaçaram a paz
 ra e outra história. As feiticeiras
 omento é Sadam Hussein. Mas
 s, novos nomes. A bruxa do
 tro temor da moda. Novas bru-
 dias, blasfêmias ou qualquer
 me de conter conspirações, re-
 mais excrucios se deram, em
 cância, para não perder o hábi-
 a bruxaria com a dívida desim-
 quando, aqui e ali, passou-se a
 do mesmo motivo. Ou suspeita.
 ares de pessoas foram executadas
 undo agora, centenas, talvez mi-
 antes e depois de

CADERNO DE LITERATURA

**AGOSTO
 1998
 Nº 3**

que
 na Kaz
 O delat
 não, era
 o fim da p
 permanecer,
 pseudônimos
 mbista pobre
 mba para o samb
 n Trumbo, um dos d
 que recusou-se a del
 ou a declarar-se culpado
 pendido, ganhou o Oscar
 56 pelo roteiro de *Arenas S*
grentas (The Brave One), sob
 nome de Robert Rich. Claro
 não pôde receber. Seu nome
 voltou às telas em 60, quando
 nhou outro Oscar também co
 roteirista de *Spartacus*. Foi no
 clima que Arthur Miller escre
As Bruxas de Salem (1953), ele ta
 bém suspeito e perseguido. C
 que se pode ver o filme sem
 preocupar com este pano de fun
 o sr. Miller é um grande auto
 beldias, blasfêmias ou qual
 ur da moda. Novas b
 as novos nomes. A bruxa
 momento é Sadam Hussein. L
 ta é outra história. As feitice
 o sempre a arranja
 riar e, no fundo, tudo que
 riam era arranjá-lo um namorado.

Prune em uma
 quer, suspeito que escre-
 sobre sua cidade natal. Imagino
 de o senhor Hawthorne tenha
 escrito seu livro para acordar a
 memória curta dos seus e dos nos-
 sos contemporâneos. Um esforço
 razoável. Está certo que seu livro
 andou por aí, escondido sob a

disfarçada até em inocentes jogos
 infantis. Naturalmente, o Comitê
 voltou-se para o cinema, os inte-
 lectuais, artistas, toda essa gente
 que olha o mundo com um olhar
 diferente, gente que vê o mundo e
 seu tempo com algumas cores além
 do preto e do branco. Em tipos co-
 mo estes, era evidente que se es-

Projeto DivulgaArte

CADERNO DE LITERATURA	2
<i>DivulgaArte</i>	2
EDITORIAL	3
CORREIO	3
POESIA	
Devaneio	4
Irineu Mariani	
Sons a uma gaivota	5
Carlos Saldanha Legendre	
Anistia	6
Ilton Carlos Dellandréa	
Biografia - I	7
Margarida de Menezes Leitão	
Floresta em chamas	8
Ruth Barbosa Sampaio	
Esperança	8
Uiara Maria C. dos Reis	
Sonhos	9
Diógenes Vicente Hassan Ribeiro	
Árvores	9
José Nedel	
Estátua de sal	9
Moacyr Mendes de Oliveira	
Maiakovski	10
Cyro Púperi	
Enamorado	10
Luiz Glenio Bastos Soares	
NARRATIVA	
Amor revisitado	11
Afif Simões Neto	
A branda polpa	11
José Carlos Teixeira Giorgis	
Férias	12
José Carlos Laitano	
Velho conhecido	14
Osvaldo Moacir Alvarez	
El Cid, o sonhador	14
Jane Fischmann	
Histórias da noite - I	16
Fernando Rosa Grassi	
ARTIGOS	
Gustav Vigeland e sua obra	17
José Vellinho de Lacerda	
Relendo os clássicos	18
Wilson Chagas	

EXPEDIENTE

Presidente AJURIS: Antonio Guilherme Tanger Jardim
 Diretor Departamento de Cultura: José Carlos Laitano
 Diretora Projeto *DivulgaArte*: Elisa Cánovas Teixeira
 Diretora Artes Plásticas: Sônia Heinz
 Diretor Caderno de Literatura: Jorge Adelar Finatto
 Editoração eletrônica: M&M Buss Ass. Gráfica Digital
 Impressão e acabamento: Metrópole Indústria Gráfica
 Contracapa: Sônia Heinz
 AJURIS: Celeste Gobbato, 229 - 5º andar 90110-160
 Fone: (051) 211.5177

CADERNO DE LITERATURA EM SUA AGENDA

Em nossa agenda temos diariamente grifados inúmeros compromissos com o trabalho: audiências, despachos, sentenças, entre tantas atividades que fazem parte do dia-a-dia de um magistrado. E, em meio a esta tão atribulada rotina profissional, fica uma pergunta: existe oportunidade para aqueles que gostariam de expor sua produção literária? Este espaço existe aqui, no Caderno de Literatura da AJURIS, publicação que, devido à sua importância, tem assegurada a continuidade nesta diretoria. Várias edições deverão ser organizadas durante nossa gestão à frente da AJURIS. Para termos o êxito esperado, gostaríamos de ampliar cada vez mais o universo de juizes participantes. Assim, solicito a todos que colaborem conosco através do envio de trabalhos ou do incentivo aos colegas que queiram divulgar sua sensibilidade artística. Anote em sua agenda as palavras "Caderno de Literatura" e faça esta viagem literária com a AJURIS, pois aqui seu talento sempre merecerá atenção especial.

Breno Moreira Mussi
 Vice-Presidente Cultural

DivulgaArte: Ponte entre AJURIS e AMB

"... Testemunhei o crescimento do *DivulgaArte* no Rio Grande. Vejo agora, satisfeito, sua adoção em nível nacional, pela AMB, sempre como uma generosa forma de integração da magistratura com a comunidade."

Cláudio Baldino Maciel
 Vice-Presidente da AMB

EDITORIAL

Ao longo de uma vida austera de magistrado, Alphonsus de Guimaraens (1870-1921) realizou, paralelamente, importante obra literária. Forma com Cruz e Sousa "a alta dupla poética do Simbolismo brasileiro", no dizer do verbete da Enciclopédia Barsa.

O ilustre poeta mineiro, não obstante as asperezas da profissão que escolheu, nunca abandonou a lira. Recolhido no interior de Minas Gerais, o "Solitário de Mariana" cultivou em silêncio sua arte e seu talento.

Fez da palavra escrita uma maneira especial de conversar com as pessoas, de revelar aspectos profundos de sua alma. A obra que nos legou, de

indiscutível valor, ocupa destacado capítulo na literatura brasileira.

Com essa recordação, o *Caderno* chega ao terceiro número, animado com colaborações preciosas. Alguns autores comparecem pela primeira vez. Outros aparecem novamente com a costumeira qualidade.

A seção "Correio" inaugura espaço para a opinião do leitor. A todos os que escreveram o nosso agradecimento.

O *Caderno de Literatura*, enquanto espaço destinado a divulgar a produção cultural dos juizes, aproxima a magistratura da sociedade. A participação é, também por isso, muito bem-vinda.

Abraços.

Jorge Adelar Finatto

Diretor

jfinatto@zaz.com.br

É com muita satisfação que esta Secretaria recebe o Caderno de Literatura, mais um espaço que vem acrescentar e qualificar a cultura gaúcha. Parabéns pela iniciativa. A AJURIS demonstra, através do Projeto *DivulgaArte*, que vai além do seu papel de instituição fundamental para a manutenção do regime democrático.

Cordialmente

Margarete Moraes
Secretária Municipal da Cultura

Adorei as poesias dos colegas!
Desconhecia que tantos têm tanto talento.
Aqui em Portugal os juizes só escrevem sentenças.
Na sua maioria...
Eu escrevo poesia também, se bem que não me atrevo a mostrar a muita gente...
Ora bem...

Margarida de Menezes Leitão
Juíza em Lisboa, Portugal

Cumprimento-o pelo Projeto, e agradeço a oferta do exemplar do Caderno de Literatura. Desejo-lhes sorte. O abraço da

Nélida Piñon
Presidente da Academia Brasileira de Letras

É sempre bom e importante ver juizes na área da ficção e poesia. O "Caderno de Literatura" haverá de cumprir sua função. Em frente, pois.

Carlos Appel
Editor

"Externo meu agradecimento pela gentileza do envio do exemplar do Caderno de Literatura, do Projeto *DivulgaArte*."

Juíza Ellen Gracie Northfleet
Presidente do TRF da 4ª Região

DEVANEIO**Irineu Mariani**

Corre puro o sangue nas minhas veias
e as minhas veias
têm alarmes escondidos

Brota largo o rio das minhas veias
e as suas águas somem-se nas plantas
rolam nas pedras
criam limo nas âncoras

Materializam-se sofredoras as lágrimas
e as lágrimas vão diluir-se no espaço
roçar as estrelas
vão por lugares onde armam-se incêndios
em cuja lenha canta o meu corpo inteiro

E tu eras uma espiga luminosa
que vinha galopando em cavalo espacial
eras uma ilha de sementeira
e abelhas acordavam os teus cabelos

Vinhas sonâmbula,
porém,
com lâmpada na pele
e iodo nos lábios

Então andei em tua inundação
e em teu solo íntimo

Então dos teus pulsos
subiram arquipélagos de FOGO !

Desembargador - RS

SONS A UMA GAIVOTA

Carlos Saldanha Legendre

I

Em mil
milhas
do mar

o azul
verte em
bilhas.

Brilhas
em quilhas
do ar

sopro
das ilhas.

II

Paciente
pássaro pastor,
passas em amanho
de espuma.

Uma a uma
em rebanho
ondas borregas
te acompanham
ao crepúsculo

- fluida
terracota
onde navegas
gaivota

III

Nasces
do ventre-vento
da madrugada

e passas, pássaro
de sal e iodo

acima do humano
lodo, sem manchar
a leve casa
de tuas asas.

Vais em bodas
de solidão
com o mar o ar

- aérea
síntese marítima!

ANISTIA

Ilton Carlos Dellandréa

Eu entendo a dor dos torturados
mas não a motivação intrínseca
do torturador.

A necessidade de mostrar que é macho?
a vontade de mostrar que é forte?
ou a fraqueza de sua própria dor?

Qual a dignidade dos que ferem
quem está dominado
e não tem meios de reagir?

A obediência ao superior hierárquico?
A visão de um mundo (de que?) libertado?
A coação irresistível do dever a cumprir?

Que coragem é esta de matar um morto,
de castigar alguém que é menos que uma
criança?

É mesmo coragem,
É mesmo dignidade,
ou o mais lídimo exemplo da desesperança?

Tu, que torturaste há 30 anos,
o que estás sentindo agora?
A morte cada vez mais perto,
a vida caminhando embora.

Tens pelo menos a capacidade do remorso?
Mas como terás a consciência calma?
A anistia que recebeste um dia
Não alforria a tua própria alma!

Desembargador - RS
dellan@c.povo.net

BIOGRAFIA - I

Margarida de Menezes Leitão

À espera da vida, com os olhos fixos num retrato antigo...
As mãos caem-me no regaço cansado da ironia de o ser...
A esperança canta lá fora, dança, espreita ao postigo
Que não vejo, que não quero, que não quero ter...

As mãos são de cera, breves, lindas e sós como o espanto...
Os olhos são escuros, sombrios, e tristes e rasos de água...
Já não falo nem rio nem sonho nem acredito nem canto
Porque a voz me soa sempre a um vale azul de mágoa...

Canta-me tu a esperança verde, verde-esperança
Canta tu bem alto com a tua vizinha de criança
e espera que eu acorde e olhe e diga e grite...

Só tu podes chamar ao sonho que não tive, realidade,
e acreditar que a luz no mundo ainda pode ser verdade
e acreditar que eu seja feliz e que te imite...

Juíza em Lisboa, Portugal
nop34823@mail.telepac.pt

FLORESTA EM CHAMAS

Ruth Barbosa Sampaio

Fogo! Fogo! tudo está em chamas
fogem animais cheios de pavor
é a floresta que ao vento inflama
erguendo os braços em gritos de dor!

Espessa fumaça macula os céus
furtando ao sol o vívido esplendor
encobrendo a mata com negros véus
ocultando a Deus tamanho horror!

Homens se agitam por todos os lados
meio às labaredas, monstros alados
tentando, em vão, sua fúria aplacar

Do espaço febril de intenso clarão
salta aos olhos mórbida visão:
Mar sangrento que a todos quer tragar!

Juíza Presidente da 7ª JCJ - Manaus/AM
ruth@amazonet.com.br

ESPERANÇA

Uiara Maria C. dos Reis

Enquanto caminhas na chuva
Tens medo do que possa acontecer.
Tropeças em tudo o que encontras
Pois no escuro nada podes ver.

Enquanto caminhas na chuva
Tens medo do que possa encontrar.
Não vês que o que encontras
Serve de apoio para o caminhar?

Enquanto caminhas na chuva
Deixa voar liberto teu olhar.
Quem sabe um novo caminho,
Com sol, te será dado encontrar.

Juíza Pretora - Esteio

SONHOS

Diógenes V. H. Ribeiro

Sonhei que estava descalço
sujo e maltrapilho
Sonhei que caminhando por tudo
eu era um andarilho

Sonhei que pedia esmolas
e como um pássaro eu vivia
Sonhei que dormia ao relento
e apenas à luz da lua

Sonhei que era criança
e não tinha mãe para me proteger na infância
Sonhei que desempregado
eu passava os dias perdido por todos os lados

Sonhei que estava só
e ninguém comigo falava
Sonhei que na chuva
eu queria um abrigo e não encontrava

Sonhei que estava com fome
e comida nunca eu tinha
Sonhei que estava com sede
e água limpa nunca havia

Sonhei que estava com frio
e nenhum cobertor eu possuía
Sonhei que estava com febre
e nem chá me serviam

Sonhei que ainda me espancavam
e estirado no solo me largavam
Sonhei que era violentado
e a todas as coisas forçado

Sonhei enfim que estavam me
beliscando...
e felizmente eu estava acordando!

Juiz de Direito - P. Alegre
hribeiro@cpovo.com.br

ÁRVORES

José Nedel

Quando revejo as árvores antigas
Que viram os meus passos de menino
À sua copa espaçosa me reclino
E descanso o meu corpo das fadigas

Se venho sem farnel e sem espigas
Para cozer meu pão de peregrino
Encontro ao menos, neste meu destino,
O conforto das árvores amigas

As palavras se evolvem como o vento
A promessa jurada e não mantida
Sem demora transforma-se em tormento

Quanta angústia em minha alma combalida!
Lealdade humana é às vezes de um momento
Mas árvores são fiéis por toda a vida.

Juiz de Direito - P. Alegre

Obras publicadas:

- Crítica da razão popular - Ed. Santuário, 1990
- Maquiavel: concepção antropológica e ética - Ed. da PUC, 1996

ESTÁTUA DE SAL

Moacyr Mendes de Oliveira

Como é grande a noite da saudade!...
Nem o iluminado céu afasta
esta amarga dor medieval.

A mulher de Ló contempla a herdade,
e o Mar Morto o quadro não arrasta
da pétreia consciência do imortal.

Dadivoso amor, na noite eterna,
estátua de sal, meu ser hiberna,
de essência esotérica depende.

Ao longe na estepe resplandece,
serôdia visão que não fenece,
é sopro vital que me defende.

Viridente oásis do oriente,
tua imagem no além onipresente,
só mitiga a dor desta saudade.

Magistrado falecido.
Poema encaminhado pelo filho,
Juiz Ubirajara Mach de Oliveira.

MAIAKOVSKI

Cyro Púperi

Assaltaram-me durante a longa noite - e foram tantos os ladrões, que a noite não pode acabar por diversos dias - até ficar completamente roubado de corpo e alma; já não posso procurar meu corpo sem alma; já nem tenho como achar minha alma sem corpo.

Assaltaram-me a alma quatro vezes e em todas as quatro levaram o que eu tinha de mais precioso contudo, depois das quatro vezes novamente assaltaram-me sem piedade ou desgosto.

Assaltaram-me a alma quatro vezes, quatro vezes numa mesma noite e não se contentando em apenas assaltarem-me, apunhalaram-me tantas quantas foram as vezes, cada uma com a injúria grudada no punhal, depositando-a tão profunda quanto a alma pôde suportar ou agüentar sem desfalecer;

Assaltaram-me a alma quatro vezes e, em todas as quatro, tiraram qualquer possibilidade de fuga ou reparo: o corpo exposto desnudo, a alma viva em sangue, os cortes repartindo as vezes e às vezes, quantas vezes pude gritar, e cada grito preparando uma próxima talvez mais forte e fatal, propondo um desfalecimento que não me foi possível;

Assaltaram-me a alma quatro vezes e eu já estou cheio de tantos assaltos, já não suporto os assaltos bem como seus executores.

Assaltaram-me... mas chega de tanta loucura, chega de tanto debater-me em vão porque as punhaladas são conseqüências e eu já nem tenho mais carne para ser apunhalada;

Assaltaram-me... e o que tanto levam em cada assalto, em cada drama, em cada punhal sem luz: minha alma repartida em assaltos, minha carne dilacerada em cortes, meus sentimentos, que de tantos sentimentos, já deixaram de sentir ou existir?!

Juiz de Direito - Gramado
cpuperi@pro.via-rs.com.br

ENAMORADO

Luiz Glenio Bastos Soares

Percorri caminhos
e voltei na marca dos pés
pra te encontrar

Agora percorro tuas nervuras
extraíndo uma seiva
que meu paladar desconhecia

Quando nelas aprofundo dentes e sentidos
ouço os gemidos de um rio a se despejar

Quando teus pomos beijo
ouço o murmúrio do mar
na concha das mãos

Sou posse dessa fruição
desse abraço marajoara.

Juiz de Alçada
sf6453@pro.via-rs.com.br

AMOR REVISITADO

Afif Simões Neto

Tem cor-de-lua teus olhos, menina dos cabelos dourados. Não essa lua de Armstrong, pisada, apalpada em fragmentos por geólogos, como já disse Drummond. Falo de uma lua sigilosa, que selou segredos e celebrou teus sonhos sutis, e que dá o direito de carregar todas as madrugadas, todos os pores-de sol. Porque tem aroma de acácia teu beijo; a suavidade das pombas, teus gestos.

Quando nossos olhares se beijaram, em velhas engenharias opostas, estávamos vindo de outros andares. Os meus sapatos eram gastos de tanto caminhar atrás de um vulto. Procurava-me cada vez mais, pois eu, para mim, era quase nada. Tu, absortamente linda, naquele vestido preto, dançava com as estrelas, pois não era permitido pelos códigos deixar de lado a fantasia. Ainda assim nos amamos, trocando bilhetes e carícias. Os momentos de felicidade foram aproveitados em cada pedaço, porque se sabe que eles são tão raros quanto as pedras que se extraem do fundo da terra. Havia em nós a lembrança de que a vida aprendeu e imita a lição das rodas-gigantes dos parques de domingo: a linda vista lá de cima não é a mesma quando se descer começa.

Ah! Como é bom ainda te lembrar, só lembrar, menina dos cabelos dourados. Ainda assim eu te guardo tão presente na falta que irás me fazer. Quem sabe por isso eu penso que seguirei te amando mundo afora, pedindo uma trégua na noite para o encontro das taças, para transparência dos lumes, para os violinos e as guitarras. Quando a madrugada chegar, vamos repartir nossas histórias. Fazer um 'apartheid' das coisas que estão indo junto com o outro para não mais voltar. E acreditar que a revisitação do amor não é uma forma ignóbil de se morrer duas vezes...

Juiz de Direito - Pelotas

A BRANDA POLPA

José Carlos Teixeira Giorgis

O sol estrangulava as pobres brisas na prisão de luz e grau, e depois do almoço, entre silêncios e suores, as cigarras nadavam no ar, um torpor abatido, sufocado, cena muda de calor e tédio.

Apenas as figueiras, fábrica e rio adocivavam seus frutos, uma encarnação de flor e suco, o aperto, a profunda urna.

Quando o verão amadurecia, lá em casa, era época de fazer figada.

Encomendava-se ao freguês da carroça alguma coisa no mercado, presentes de vizinhança. Na cozinha se depositavam as bacias cheias de figo, vermelho ventre, os pingos de ouro cintilando.

Os frutos eram despídos, mãos e facas trabalham, ríspidas e sérias, expondo a intimidade, estiolando a carne.

Não era só: a forma se degradava em massa, submissa à pressão e força, os figos finalmente reduzidos, algum açúcar, pouco, proporcional ao gosto e tipo.

No pátio aquetavam-se as aras para o holocausto. Comprados em algum cigano, cobre puro, os areados tachos aguardavam a delicada presa.

Um fogo de gravetos e lenha, as faces rubras, e no vaso de metal se lançavam almas e caules. Durante horas em revezamento célere, os braços moviam pás, as madeiras mergulhadas em mucosas e sumos, círculos de mel e gosto.

Depois, quando não se soltava mais, ainda quente, a transmigrada essência era desejada em lata de manteiga, de vez em quando um pouco de sol para formar película e casca.

Nos armários forrados com jomais, o tique-taque no relógio antigo assistia a lenta maturação de carga e tempo, os sabores em prumo.

Quando os filhos iam para os internatos, no meio de roupas e livros, a viandante escusa ia pronta para a breve gula.

E durante meses, em escondido afeto, a vegetal caça aguardava servil que os dedos trêmulos a recrutassem.

No refeitório e pão, colheres ávidas violavam a iguaria.

E tinha de ser no inverno, fim de outono, frios e lãs.

Desembargador - RS

Obras publicadas:

- Panela do Candal - Ed. Movimento, 1978
- Contos de Oficina nº 20 - Ed. PUC, 1997

FÉRIAS

José Carlos Laitano

Exatamente às 3 e 45 da madrugada (ou seria da manhã?), o garotão da casa em frente desligou o som. Os acordes de rock, quase rock e tipo rock ribombaram ainda um tempo pelas paredes do quarto, pelos ouvidos e pela cabeça. Vinte minutos mais tarde ele conseguiu dormir.

Cinco horas depois, às 8 e 45 da manhã (ou seria da madrugada?), foi acordado pelos filhos pulando na cama, a mulher em pé, junto à cabeceira, vestida com maiô e chinelos, bronzeador na mão. Mal ele abriu os olhos, assustado, ela ordenou:

- Passa em mim, querido?

Engoliu uma xícara de café sob as vistas e resmungos das crianças, a mulher chamando do pátio:

- Hoje vamos colocar as cadeiras no lado direito da praia.

Aparício ajustou o boné na cabeça, colocou sob o braço esquerdo o guarda-sol colorido. A mão esquerda segurou duas cadeiras. Sob o braço direito prendeu a esteira e a mão direita agarrou a sacola de vime. Na sacola: saco de bolachas, revista da tevê, brinquedos.

A mulher conteve as crianças com gritos antes da travessia da rua e depois que passou o primeiro carro resolveu segurar a mão do Neto (na verdade, o filho mais novo). Com a outra mão transportou as toalhas de banho e a bolsinha de plástico com cremes hidratantes, escova e prendedor de cabelo. Também o etc.

Na praia, Aparício cavocou um buraco na areia, fixou o mastro do guarda-sol, abriu as

cadeiras, espalhou os baldes e pás de plástico, estendeu a esteira e, sobre ela, uma toalha amarela. Júnior insistiu experimentar a água e o pai caminhou até a primeira onda, coisa pouca, quase nada.

Retornou.

Neto quis acompanhar o irmão. O pai voltou à parte molhada, borrifou água fria nas pernas do filho e conseguiu convencê-lo a permanecer na areia seca, prometendo construir um castelo.

Finalmente Aparício sentou.

Sentou e levantou porque Júnior desatou a chorar derrubado por uma onda. Aparício prometeu construir um castelo.

Usou as mãos e reuniu um montículo de areia. Com tapas e pisoteios deu por concluído o que denominou castelo. Sujo de areia obrigou-se a entrar no mar e lavar-se. Tornou ao guarda-sol e secou-se com a segunda toalha, a que fora deixada no encosto da sua cadeira.

Sentou.

E levantou.

Passava o sorveteiro e Júnior voltou a chorar. O que foi o que não foi: quero picolé.

Júnior mostrou-se objetivo desde que nasceu. Por exemplo: sem esperar a negativa de um pedido, chorava logo. Chorar ele não chorava - soluçava, derramava lágrimas, babava, cara sofrida, dorso encolhido pela dor.

Berrava.

E berro bom, com resultados compensadores. Desde os tempos em que Aparício morou num edifício e Júnior acordava a vizinhança a cada meia hora querendo o seio da mãe. E ele tinha seis meses. O casal derrotado: até às duas da madrugada a mulher permanecia sentada na cama à espera do primeiro sinal do bebê, ou seja: um olhar fixo naquela parte acima do umbigo da mãe e um franzir de nariz. Ela contava com exatos cinco segundos para puxar o seio fora da camisola e encostar a boca do filho.

Depois de duas horas, Aparício assumia o posto. Com o tempo ele adquiriu prática: em três segundos e meio enfiava a mão esquerda no decote da esposa com a direita empurrava o filho. A mulher passou a dormir pelada da cintura para cima e Aparício reduziu o tempo de execução da operação chupa-peito para dois segundos e três quartos. Um recorde. A vizinhança cessou a exigência de mudança da família. Inclusive ele foi eleito subsíndico.

Por todos estes motivos, na praia, Júnior não necessitou prolongar o ...choro, para ter um picolé na boca.

Aparício sentou.

Sentou e levantou.

Neto exigiu ser enterrado na areia. Mal findou a tarefa, a mulher lembrou a promessa feita antes da viagem de cavucar tatuíras para que fossem enterradas na grama de casa. Tivera a genial idéia de transformar tatuíras em vegetarianas o que garantia não só a presença em programa de tevê como o primeiro prêmio pela originalidade: A Sua Invenção, canal oito, domingo à tarde. O marido convenceu-a de que a captura dos bichos devia acontecer no último dia de veraneio. A mulher concordou.

Aparício sentou.

Júnior quis saber como era pai morto.

Morto e enterrado.

O pai achou graça, deitou e permitiu ser coberto com areia, por sinal um pouco fedorenta. Os filhos deixaram-no feito cadáver e correram para o mar. A mulher gritou. Aparício levantou às pressas e disparou atrás das crianças, tropeçou, caiu, molhando-se na água fria, mas evitou que eles se afogassem. Bem, podiam se afogar. Surgiu a mulher faceira e pediu que o marido segurasse o chapéu e a toalha enquanto ela dava um mergulho. Ele segurou, aproveitando para examinar uma morena quase nua que parou pertinho.

Voltou à cadeira junto com a mulher e os filhos, repetiu dezessete vezes a palavra *não*

para o vendedor cearense de redes, para o alagoano vendedor de sacolas de pano, para o paulista vendedor de brincos artesanais, para o pescador vendedor de milho cozido, para um índio vendedor de periquitos.

Às treze e trinta horas Aparício ajustou o boné na cabeça, colocou sob o braço esquerdo o guarda-sol colorido. A mão esquerda segurou duas cadeiras. Sob o braço direito prendeu a esteira e a mão direita agarrou a sacola de vime. Atravessou a rua saltitando nas pedras quentes do calçamento. Chegou em casa, limpou as cadeiras, livrando-as da areia; sovou a esteira; lavou os pés.

Só então escolheu a panela.

O cardápio, a mulher ditou enquanto faxinava os filhos.

- Comida eu faço, Aparício garantia aos colegas de trabalho, lavar a louça, nunca!

Juiz de Direito - P. Alegre
Diretor Departamento Cultura AJURIS
<http://www.pro.via-rs.com.br/pessoais/rlaitano>

Obras publicadas:

- Minha mulher chamava-se Jarbas - Ed. Movimento/89 (contos)
- Crônica da paixão inútil - Ed. Movimento/92 (romance)
- Jogo do passa-conto - Ed. Italiana/95 (romance)
- Bianca di Morano - Ed. Movimento/98 (romance)

VELHO CONHECIDO

Oswaldo Moacir Alvarez

Entrei no táxi e cumprimentei o motorista:
- Boa tarde.
Ele:
- Boa tarde.
Eu: - Por favor, até o Hospital Mãe de Deus.
Ele, assentindo com a cabeça:
- O senhor mora agora por aqui?
Achei que ele havia me confundido, mas respondi:
- É, por aqui...
Ele: - Vai visitar algum parente?
Eu: - Não, vou fazer fisioterapia.
Ele: - Por quê?
Eu: - Infarto agudo do miocárdio.
Ele, ágil: - Bem previsível, no seu caso.
Eu: - Pois é, disfarcei.
Ele: - O senhor era muito farrista.
Eu: - ?? (Pensei: ele está enganado de pessoa).
Ele: - O senhor era chegado nuns aperitivos.
Eu, boquiaberto: - É? (Raciocinei: nunca fui ligado em bebidas).
Ele: - Quantas vezes vi o senhor ziguezagueando, cambaleando, por causa da "branquinha".
Eu: - É (É demais, vou reclamar).
Ele: - Além de tudo, como gostava de carne gorda...
Aí, resolvi ficar quieto.
Quando chegamos no Hospital, ele se despediu:
- Até logo, seu Oswaldo!
E não é que o homem disse o meu nome...

Juiz Federal - RS

EL CID, O SONHADOR

Jane Fischmann

Ele queria ser apenas como tantos outros. Comum.
Ter sua casa à beira-mar e desfrutar suas horas de folga com o rádio-amador.
Morava num paraíso encantado, onde todas as janelas de vidro permitiam que um observador atento se extasiasse com a beleza do mar, batendo de forma incessante nas pedras, ali colocadas, por um mestre arquiteto invisível.

À tarde, quando as pedras e o mar adormeciam, tornavam-se um conjunto impossível de ser retratado pelo mais hábil pintor, por que jamais conseguira, fixar na tela, o exato momento em que uma onda gigantesca se levantava, como a querer devorar tudo que estivesse em seu caminho, para em seguida se deixar desfalecer exausta e em gozo de sua breve ousadia.

Tinha tudo para ser feliz.

Casado, meia-idade, aparentava menos, pois sua pele bronzeada e as tardes passadas no barco lhe davam uma aparência de agradável jovialidade. A casa, aquele pedaço de mar exclusivo, o seu grande companheiro - o rádio-amador. Quase tudo...

Cidônio tinha a mulher. Infeliz por vocação, nada lhe satisfazia. Com mais idade que ele, a aparência saudável do marido era para ela uma penosa constatação.

Aliada a sua rabugice, havia também a mágoa.

Dos anos sofridos, trabalhados. De suas mãos que perderam a suavidade e adquiriram uma aspereza grosseira, do carregar incessante de tijolos. Um a um foi lá colocando, erguendo a parede do boliche, tornando realidade o pequeno comércio que fizera a razoável fortuna do casal.

E ele, onde andava?

Espírito errante, corpo nômade, arranjou um emprego que lhe permitiu cair no mundo, pelas estradas, sem hora, sem rumo, sem dono.

A cada retorno aparentava um cansaço de dar dó. A mulher sentia pena daquela profissão dura,

mas tijolo ele não carecia carregar, deste encargo ela se avocava.

Terminada a obra, o comércio funcionando, ele resolveu largar aquela profissão de sacrifícios e instalar-se, criar raízes.

Comprou então o rádio-amador, para não perder definitivo seus laços caminhoneiros e poder falar com o mundo. Seu corpo já não percorria as estradas, mas seu espírito e sua voz podiam fazê-lo.

Ele falando, falando, e a mulher trabalhando, trabalhando...

Quando percebeu que estava sendo usada, sua revolta se deslocou ao objeto que entendia ser o responsável por suas desgraças. Odiava aquela caixa cheia de botões, que conseguia prender a atenção do marido, coisa que ela não lograva.

Desejou ardentemente que um raio lhe caísse em cima e o calasse para sempre. Aconteceu.

Uma tempestade como outra qualquer. Um raio como tantos outros, mas uma diferença para Cidônio, lhe atingindo mortalmente. Caiu em cima de sua aparelhagem. Os metais fundiram-se em união diabólica, parecendo sanduíches e lembrando vagamente o que um dia foi válvula, condensador e tinha o poder de levar adiante seu sonho.

Cidônio, desesperado, tentou adquirir as peças, refazê-las. A única empresa capaz de tal proeza ficava em Belo Horizonte e, para lá, se foi.

O tempo passava, as semanas se multiplicavam e Cidônio não voltava. A mulher, corroendo-se em remorsos, se culpava pela praga. Estava sendo punida, não merecia mesmo aquele maravilhoso marido.

Chegou. Consigo trazia as peças novas para refazer o transmissor, a alma enlevada, o coração ocupado com excesso de bagagem.

Trouxe junto uma mineira.

A morena, dengosa e faceira, não primava pela formosura, mas tinha maneiras felinas, cumplicidade no olhar e um par de seios de fazer inveja. Alisava seu parceiro com trejeitos especiais.

Ele comia e lhe dava na boca, eram um corpo só. Ela revirava os olhos e suspirava.

O único motel da cidade tinha vaga garantida permanente a esperar os audaciosos amantes. Os convites se sucediam, todos queriam ver até onde era verdade tamanha indecência.

Adiada a explicação à mulher, o prazo um dia findou. Era chegada a hora de dizer que ela não mais lhe servia.

Encontrou-a aparentemente serena. Pediu para conversarem no quarto, trancou a porta e surpreendeu Cidônio ao retirar a arma da gaveta. Atirou.

Cidônio, rápido, girou o corpo e o projétil alojou-se na parede. Ato contínuo, desarmou a mulher e lhe deu castigo merecido por tamanha ousadia.

Tomada de fúria e ressentimento por aquela peça que o destino lhe pregara, destruiu completamente a bela casa, as janelas de vidro despedaçando-se em cacos, feitos seus sonhos. Mudou-se para o comércio e cortou a renda do infiel marido.

Espalhou pela cidade que mataria a desavergonhada na primeira oportunidade.

A desafiada, para não ficar em desvantagem, armou-se também.

Cidônio, alojado numa pequena casa, onde as coisas se amontoavam, ouvia apenas o seu rádio-amador, projetando no espaço sua voz andarilha.

A esperar o grande dia, em que as duas mulheres se encontrariam para o duelo final, a cidade tomou-se de mórbida expectativa. As apostas se sucediam. As mulheres proclamando a defesa da honra da vítima, os homens concordando plenamente.

Mas, ao cair da tarde, no encontro para os dois dedos de pinga, as apostas mudavam de rumo, em favor da mineira. Afinal, aqueles trejeitos de gata manhosa e seios tão fartos não podiam ser inutilmente desperdiçados.

Por prevenção, duas covas foram abertas no cemitério...

Juíza Pretora - Cachoeirinha/RS

HISTÓRIAS DA NOITE - I

Fernando Rosa Grassi

O ano de 1955 caminhava para o fim. Era dezembro, uma tarde ensolarada de sábado, na cidade de Rio Grande. Todas as tardes são ensolaradas, quando se tem dezesseis anos. E Maria Noeli Favarin tinha dezesseis anos. Chegara na noite anterior de Santa Maria, onde deixara a família e tudo o mais para jogar-se naquela aventura louca. Na verdade, deixara apenas a família, porque tudo o mais era nada. Desde muito pequeninha, enfrentara os rigores da pobreza. Família grande, tinha seis irmãos e o pai alcoólatra. Ela e dois rapazinhos já trabalhavam e a mãe biscateava alguns lavados. Ainda assim, tudo o que ganhavam era muito pouco para o mínimo de que precisavam. No seu último emprego, na casa do Dr. Ozy, conceituado advogado da comarca, conhecera Rubinho. Paixão violenta e fugaz, a ele se entregara sem pejo. Surrada pelo pai, desprezada pela mãe e pelos irmãos, perdera o filho e fora parar num quarto imundo de sórdida pensão. Ali conhecera Alzira e Leda e com elas viera para Rio Grande, cidade com porto, com navios, com grandes cabarés iluminados! Não era como Santa Maria, terra pobre, de ferroviários. Ganharia muito dinheiro, tinham garantido as amigas.

Chegaram na madrugada daquele dia. A longa viagem de trem se prolongara, devido às intermináveis horas paradas em São Gabriel e Bagé. Chegaram às escuras, Rio Grande estava sem luz. Assim, nada sabiam da cidade nem da casa de Maria Bonita, onde bateram, recomendadas por cafetina santa-mariense. Expediente encerrado, tiveram de enfrentar o mau-humor da empregada cheia de sono. Ao reclamarem da única cama de casal existente no quarto que lhes fora destinado, receberam uma resposta definitiva: "Se não quiserem, eu posso abrir a porta da rua que é serventia da casa".

Agora ela, Maria Noeli Favarin, dezesseis anos, naquela tarde ensolarada de sábado, estava ali, sentada na mesma cama onde tinha dormido mal. Estava só com a saia de baixo e pintava as unhas dos pés, preparando-se para a noite de estréia. Pela manhã, deram uma voltinha pelos arredores. A casa de Maria Bonita era grande, uma das melhores e mais bem afamadas da cidade. Ficava na General Osório, bem defronte à usina da luz. Maria Bonita era uma mulher cheia de corpo e morena. Vestia-se bem, sem os excessos costumeiros, e exercera a profissão durante muitos anos. Por isso mesmo, como dona de casa, sabia impor respeito, era enérgica e determinada. Acolhera Maria Noeli e suas amigas com carinho maternal. Sentiram-se em casa. Felizes!

Agora ela, Maria Noeli Favarin, dezesseis anos, naquela tarde ensolarada de sábado, estava ali, instalada naquela casa fina e elegante, um pouco nervosa com a estréia, mas seu coração-menino estava alegre e repleto de sonhos. De sonhos e de planos: haveria de ganhar muito dinheiro, como Maria Bonita. E resolveu mudar seu nome. A partir daquele dia, passaria a chamar-se Susana, o nome que gostaria de ter recebido na pia batismal. Pela janela aberta, entrava o calor de dezembro. Pelo arredondado radinho de cabeceira, saía a voz de Nelson Gonçalves: "Fica comigo esta noite. E não te arrependerás. Lá fora o frio é um açoite. Calor aqui tu terás".

Juiz de Direito - RS

GUSTAV VIGELAND E SUA OBRA

José Vellinho de Lacerda

De princípios de maio a princípios de junho de 1997, minha mulher e eu fomos conhecer a Inglaterra e a Escandinávia. Dentre tantas novidades para nós, uma nos causou a mais forte impressão: a visita à obra de Gustav Vigeland, no Parque Frogner, em Oslo, Noruega. Foi um escultor que nasceu em 1869, na cidade litorânea de Mandal, no sul daquele país. Já na adolescência,

seu pendor artístico se fazia notar. Começou esculpindo em madeira, logo passando para o bronze e a pedra. Seu trabalho principal, que lhe consumiu dezenas de anos, está nesse Parque, cercado de altos muros e a que se entra por grandes portões de ferro batido. É uma área verde, de 32 hectares, que guarda 192 conjuntos de escultura do artista, num total de 650 figuras.

Em 1921, a Prefeitura de Oslo passou a fornecer-lhe gratuitamente casa e estúdio, para que iniciasse a obra de sua vida, à qual se dedicou ininterruptamente, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial e a ocupação germânica do país. Mais tarde doou-a à cidade. Findo o conflito e entregue o trabalho ao público, nele despertou um misto de escândalo e encantamento: todas as esculturas eram de corpos nus humanos, de proporções gigantescas.

Representa a vida, em todas as suas fases e aspectos. No centro do Parque e em sua parte

mais elevada, ergue-se o Monólito, uma coluna de granito, de quase 15 metros de altura e 470 toneladas. Esculpida num único bloco, contém 121 figuras: são corpos abraçados, retorcidos, agarrando-se e sobrepondo-se uns aos outros; na base, estão em posição horizontal, aparentando inércia; depois, sobem em espiral, dando idéia de movimento, cada vez mais rápido, para terminar, no topo, com os de crianças. Concluído em 1943, ano em que morreu Vigeland, tem suscitado



várias interpretações. Dentre elas, a luta pela existência, o anseio do Homem em alcançar o plano espiritual, o ciclo da repetição. Cercando o Monólito, num plano inferior, há 36 grupos de esculturas, também em granito. Em cada um deles, pelo menos duas figuras de homem e mulher numa variedade de situações e relações tipicamente humanas: são crianças brincando entre si ou com as mães; adolescentes abraçadas; casais de jovens em enlevo mútuo; anciãos de mãos dadas, revelando, nos corpos murchos e nas faces enrugadas, o cansaço de viver e o fim que se aproxima. Só um gênio conseguiria tirar

tamanha expressividade da pedra bruta.

A Fonte, a mais antiga unidade escultural do Parque, é outra obra singular: um vaso em forma de pires, que derrama uma cortina de água sobre os 6 gigantes que o sustentam; mais abaixo, 20 "grupos arbóreos", uma simbiose de seres humanos e árvores, em esculturas de 2 metros de altura. A água, símbolo universal de fertilidade, combinando-se com o relacionamento do Homem com a Natureza - tudo num hino à vida.

Por fim, a Ponte, que atravessa os lagos do Parque. Nela, em ambos os parapeitos de granito, 58 esculturas em bronze. Em geral são grupos de duas pessoas, das mais variadas idades: o pai com o filho pequeno pela mão, ambos trocando um olhar de ternura; uma criança chorando solitária; jovens casais em acrobacias eróticas. Aliás, visível a influência de Auguste Rodin na obra de Vigeland.

No fundo do Parque, mais uma escultura em bronze, de corpos entrelaçados de homem e mulher, em forma de círculo, sugerindo movimento rotativo. Sendo o círculo, principalmente nas religiões indianas, o símbolo do eterno, a escultura pode significar a perpetuidade do amor ou a constante atração dos sexos.

Conhecia Vigeland apenas de nome. A visão de sua obra foi o maior impacto que tive nessa viagem. Uma visita obrigatória para quem for a Oslo.

Desembargador - RS
jovel@pro.via-rs.com.br

RELENDO OS CLÁSSICOS

Wilson Chagas

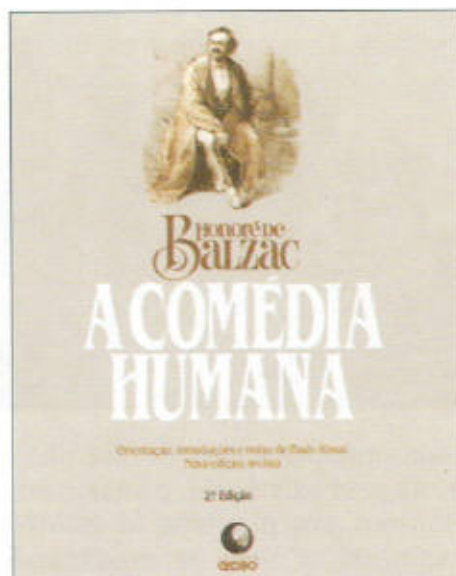
Eugênia Grandet é uma das jovens puras e sofredoras que Balzac criou na sua *Comédia Humana*. Uma moça que sempre viveu na província, ignorando o que se passa no mundo lá fora. É na sua Saumur que ela espera, confiante, durante oito anos, pelo retorno de seu primo parisiense, que lhe jurou amor eterno quando partiu para as Índias, em busca de enriquecimento.

Eugênia Grandet foi o primeiro romance de Balzac que André Gide leu, encantado, na adolescência. Quando o releu, em 1931, achou que esse livro não merecia, de modo algum, o favor insigne que lhe era tributado. Mas ressalvou a história magistral das especulações do pai Grandet, um comerciante de vinhos cuja vida somente tinha sentido na medida em que fazia crescer a sua fortuna.

O velho avarento, a mulher, a filha e a criada Nanon estão no centro da trama. Esse quarteto funciona como uma unidade, como se cada personagem fosse membro de um corpo só - no caso, a família Grandet de Saumur. Eu diria que está aí a força desse

romance de Balzac, o que explica, a despeito de insuficiências ocasionais no estilo, nos diálogos e no desenho dos caracteres, o interesse crescente do leitor, que não deixa de relacionar *Eugênia Grandet* entre os seus preferidos da *Comédia Humana*.

Que diferença quando se passa de *Eugênia Grandet* para o *Pai Goriot*! É verdade que o ambiente é totalmente diferente: o



da alta sociedade parisiense. Mas o palco principal dos acontecimentos é a Casa Valquer, uma pensão burguesa na rua Nova de Santa Genoveva.

O que aconteceria se Vautrin não tivesse sido preso no mesmo dia em que o irmão da jovem Vitorina Taillefer teve uma morte encomendada? Sabedor de que Eugênio Rastignac pretendia avisar os Srs. Taillefer, pai e filho,

do que estava por acontecer, Vautrin pôs narcótico na bebida do rapaz, impedindo-o assim de executar o seu plano. Mas, repito a pergunta, e se a prisão do falso Vautrin não tivesse sido efetuada imediatamente? Qual teria sido, nesse caso, o desfecho do episódio? O certo é que Eugênio já começara a cortejar a Srta. Vitorina, o que Vautrin interpreta como o sinal esperado para ordenar a "morte do mandarim". Teria sido, assim, o acaso que impediu que esse *sim* fosse levado às últimas conseqüências, pelo casamento do estudante com a rica herdeira? Basta ler os diálogos entre Eugênio e seu amigo Bianchon, para avaliar o drama de consciência vivido por ele desde a sua longa conversa com Vautrin, que lhe suscitaria aquela pergunta atribuída a Rousseau: "Que faria o leitor se pudesse enriquecer matando, apenas pela vontade, um velho mandarim da China, sem sair de Paris?" É essa a tentação demoníaca suspensa sobre a cabeça de Rastignac, durante a maior parte do percurso do livro.

A ciência e o amor são os dois rivais que se defrontam em *A Procura do Absoluto*, romance que Balzac publicou no mesmo ano que *O Pai Goriot* (1834). Outra oposição, esta nos sentimentos da Sra. Josefina Claës: entre o amor materno e o amor conjugal, postos em confronto ante a "loucura" do marido, cujos gastos com as suas

experiências científicas intermináveis procurando cristalizar o carbono, a substância do diamante, comprometiam os bens do casal. Ela se mortificava por sentir-se mais vezes esposa do que mãe, apoiando Baltasar Claës, embora com o risco deste dilapidar-lhes o patrimônio. A devoção da Sra. Claës pelo marido terminaria por matá-la, e ela transmite à filha mais velha o encargo de zelar pelo pai e pela família. A metade do livro relata o esforço inaudito de Margarida para sustentar o lar, sem desrespeitar o pai, a quem amava. A dedicação, o equilíbrio, a energia com que se desincumbe dessa missão tutelar cercam de uma auréola de grandiosidade a monomania alquímica de Baltasar Claës.

A ambição desmedida de Luciano de Rubempré, em *Ilusões Perdidas*, faz o leitor pensar em Rastignac, outro grande ambicioso da *Comédia Humana*, embora este, ao contrário do grande homem da província em Paris, tenha vencido. Assistimos à progressiva corrupção do personagem, mimado pela mãe e pela irmã, enaltecido pelo amigo David Séchard, entregue a uma vida de dissipação e de prazeres, e cujo caráter dobradiço, permeável a toda espécie de influências, que a beleza física e o talento de poeta tornavam ainda mais flexível, se deixava moldar ao sabor das conveniências do momento.

Numa carta de Daniel d'Arthez a Eva, irmã de Luciano, há um trecho que faz o leitor lembrar novamente o Rastignac de *O Pai Goriot*, tentado pelo dilema do mandarim: quando o ex-companheiro dele no Cenáculo adverte que "Luciano jamais irá até o crime, não teria forças para tal; mas aceitaria um crime já consumado, participaria dos seus proveitos sem ter participado dos perigos: o que parece horrível a todo o mundo, até aos celerados".

*

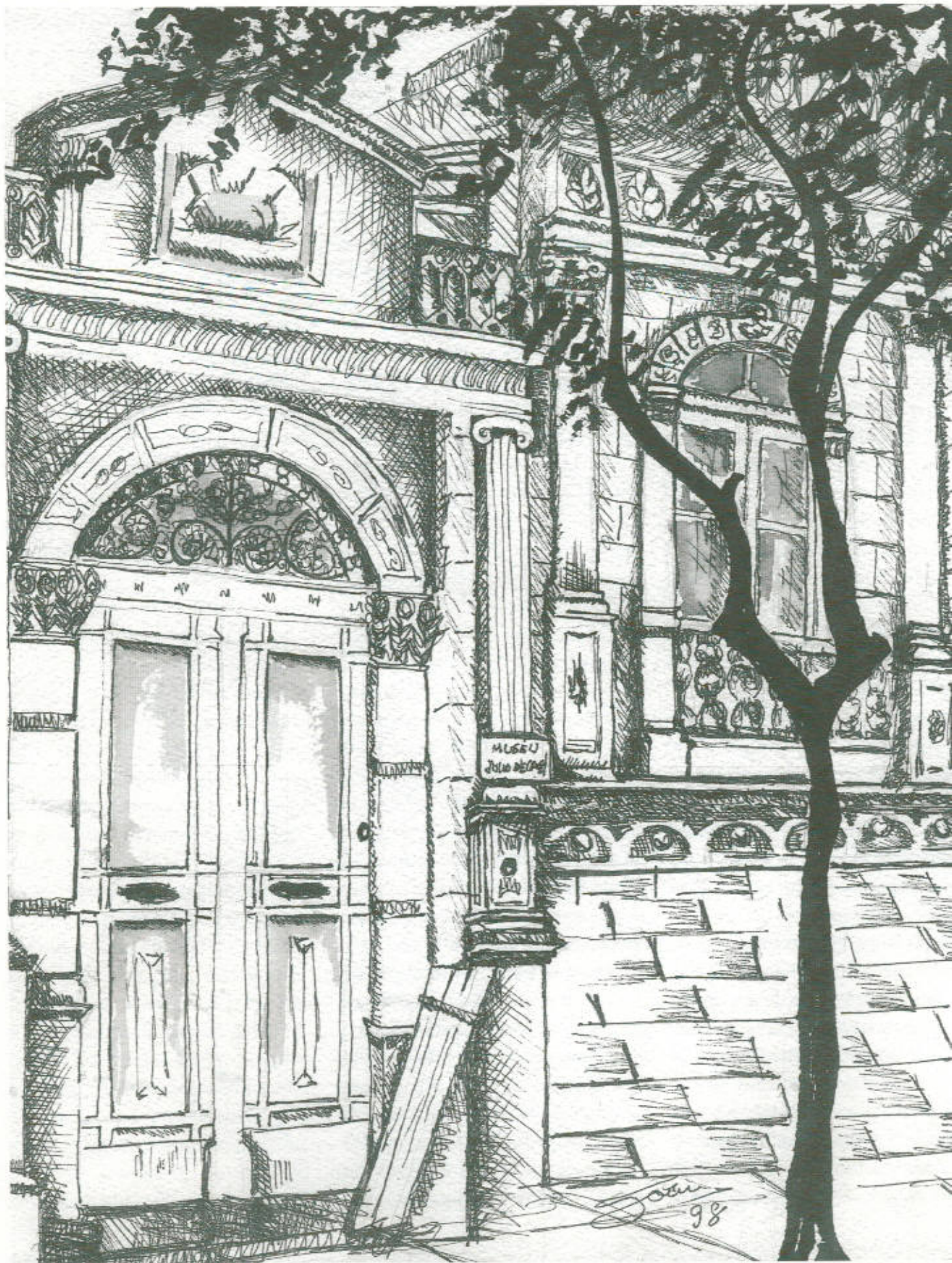
Mais do que pelo caráter infernal de Lisbeth Fischer, em *Prima Bette*, o leitor se deixa impressionar pela figura moralmente horripilante do Barão Heitor de Hulot - uma dessas personagens-monstro de Balzac, de uma indignidade a toda prova, capaz de todas as baixezas na sua paixão descontrolada pelas mulheres. Acentuando ainda mais esse traço da personalidade ignóbil de Hulot, Balzac lhe dá como esposa Adelina Fischer, um modelo de dedicação conjugal, capaz dos maiores sacrifícios para salvar o marido devasso, a quem simplesmente adora. É uma personagem que peca por excesso de ingenuidade, como acontece geralmente com as personagens virtuosas de Balzac (observação que faz Paulo Rónai, no estudo introdutório a esse romance, na edição da Globo). Ele a apresenta como a mais santa imagem da virtude, como tal reconhecida pela

cortesã e célebre cantora Josefa Mirah, antiga amante do seu marido, que nela viu "a maior imagem da virtude na terra".

Juiz de Alçada - P. Alegre
chpm@zaz.com.br

Obras publicadas:

- Caminho do exílio - IEL, 1957
- Diário de um aprendiz de filósofo - Editora Globo, 1961
- Conhecimento do Brasil e outros ensaios - Editora Paz e Terra, 1972
- O Curso do Mundo - IEL, 1997, entre outros.



Detalhe, em bico de pena, da fachada do Museu Júlio de Castilhos. Autoria de Sônia Heinz.